



Os Estados-Unidos da América do Norte, não tendo sancionado a obra de Wilson em Versalhes, convocaram uma conferência para Washington, onde se discutam os problemas dos armamentos e dos interesses mundiais no Pacífico.

Tendo o tratado de Versalhes incluído, entre as suas cláusulas, a criação da Liga das Nações, tanto o convite da América do Norte como a sua aceitação por parte das grandes potências constituem mais um desprestígio para êsse parlamento internacional do pacifismo, em que a boa vontade de Bourgeois e mais algumas figuras valiosas não consegue dominar a quási completa esterilidade de acção, avultando principalmente, ao espírito de todos, as enormes despêsas dessa vistosa Liga.

Toda a política europeia, depois da grande guerra, continuou a ressentir-se dos vícios antigos da velha diplomacia. Não tiveram o culto da verdade, os diplomatas das grandes potências. Espalharam, aos quatro ventos da falsidade e do dolo, fingidas promessas de Justiça e de Direito; verberando o chanceler alemão por considerar os tratados como «farpapos de papel» e afirmando que sustentavam a guerra com fins desinteressados de liberdade e independência, mentiam, desrespeitando a memória de tantos heróis e mártires. Não queriam um palmo de território conquistado e inventaram os mandatos hipócritas nas colónias. Prometiam a emancipação dos proletários, e a plutocracia ainda mais se acentuou. Lloyd George, Briand, por exemplo, têm na vida internacional aquela atitude flutuante, acomodaticia, pouco nobre, que embacia a limpidez dos caracteres e dá ao oportunismo a sua feição mais desprezível, numa sociedade em que passageiramente se obliteraram a simplicidade e a beleza espiritual da vida.

Disse Anatole France que toda a época é banal para os que vivem nela, e exemplificou a asserção em «Les Dieux ont soif.» Mas a nossa época é dum interesse incomparável. Podem os delicados retirar-se e assustar-se com o embate furioso, onde

se quebram os valores antigos e se entrevêm os valores nascentes. Mas o artista, o filósofo, o poeta, o educador, o economista, alheados das abstrações livrescas, sentem hoje, como nunca, o vigor flagrante da vida. O penoso equilíbrio de muitos séculos, baseado no hábito, na inconsciência, na indiferença — subverteu-se. Baralharam-se os bons e os ruins sentimentos e tende a dominar no homem, o «gorila feroz e lúbrico», de que fala Taine.

Mas há sintomas animadores. Abatem-se espiritualmente as fronteiras. Já não é apenas a aproximação, imperfeita e material, pelos meios de comunicação e de transporte; é a comunidade fraterna dos espíritos, que alia mais harmónicamente dois homens da mesma classe e das mesmas predilecções, vivendo em países muito afastados, do que criaturas de mentalidade e interesses diferentes, forçados ao convívio constante na mesma pátria, na mesma terra, às vezes debaixo do mesmo tecto. Assim, as Pátrias tendem a juntar-se, embora íntegras, numa grande união universal, que não se diferenciará nitidamente nas rivalidades do Latino, do Anglo-Saxão, do Eslavo, do Negro, do Amarelo, do Pele Vermelha — mas se simbolizará, altiva e simplesmente, no Homem.

O lampear das armas iludiu os conservadores e os tradicionalistas. Não quiseram vêr que essas armas eram apenas instrumentos pacíficos de trabalho, transformados momentaneamente em instrumentos de morte. Não viram que o sacrificado exército da vanguarda nada valeria sem o exército imenso da rectaguarda, nas fábricas das matérias primas e do material de guerra. Os escravos das trincheiras e dos trabalhos forçados da miséria quiseram marcar o seu lugar no banquete da vida. Nem o camponês de La Bruyère, nem o artífice humilde das cidades, se resignaram a cubiçar só com os olhos a opulência provocante dos novos ricos.

O mundo oferece-nos, hoje, na política, um espectáculo tumultuoso de interesses e ódios. Mas a

Alemanha vencida começa a despertar a simpatia idealista de todos. Também lá se espraizou a turbulência dos apetites; mas ali o rumor formidável da colmeia proclama o exemplo contagioso do trabalho. O militarismo, que levou a nação à ruína, ainda tenta dominar, explorando um baixo chauvinismo, entregando aos governos radicais o papel antipático de obedecer ao vencedor arrogante e reanimar a vida sôbre montões de destroços. Merecem, êsses governos de doloroso sacrifício, todas as simpatias dos que vêem para além dos vexames impostos à Alemanha, nas notas draconianas dos aliados. A grande nação sobe um Calvário formidável e o mundo começa a esquecer os seus crimes redimidos.

A solução, dada pelo Conselho da Liga das Nações, à questão da Alta Silésia, ia provocando a queda de Wirth e fez a imprensa alemã proclamar que se criou uma nova Alsácia-Lorena. Na impossibilidade de encontrar uma linha demarcadora que conciliasse os interesses económicos e étnicos e ainda as exigências da França e da Polónia, como vencedoras, o Conselho preconizou uma decisão política condicionada embaraçosamente por novas medidas de carácter económico. Daí mais um pômo de discórdia, para acentuar o desequilíbrio da política europêa.

A França é, e mais do que nunca, o país do pé de meia. Saiu da guerra sangrando por todas as feridas, temperada pelo heroísmo e pelo sacrifício cruciante. Continua a pronunciar as palavras inscritas nos frontões dos seus templos e dos edificios do Povo: Liberdade, Igualdade, Fraternidade, Justiça, Direito; mas o idealismo tradicional amorteceu. Já não é aquêlê brazeiro onde se caldeavam, clarificadas, as ideias do mundo. A guerra apoucou-a. Há dias, em Saint-Nazaire, Briand pronunciou estas palavras, que são a mais completa expressão dum burguesismo nauseante: «Notre route est belle, elle est pure, elle est propre. La France est un beau pays honnête et chic». E, sentindo a estúpida banalidade e insignificância destas palavras, Briand acrescentou logo: «Evidemment l'expression peut paraître vulgaire dans la bouche d'un président du Conseil, mais elle exprime nettement ce que je pense». O que pensa Briand e o que pensa a França. Limpinha e «chic», eis o ideal dum homem de Estado, depois da grande guerra, perante os problemas formidáveis de hoje e de amanhã, ao indicar as responsabilidades morais da sua nação, que marcou sempre na Europa, de há mil anos para cá, uma linha de audácia espiritual, inconfundível!

A população francesa decresce e o terror do Germano não diminuiu com a vitória. A preocu-

pação da dívida externa arrastou a França a uma atitude deplorável perante o actual regimen político da Rússia. Auxiliando aventureiros; falseando e deformando, na sua imprensa, factos que já de si eram, por vezes, deploráveis; amuando, a cada passo, com a política externa da Inglaterra; atirando às ortigas o «Père la Victoire», sem com isso caminhar um passo para a esquerda — a grande pátria de 89, que em certos aspectos lembra a Grécia culta e abastardada da decadência, nos tempos de Alexandre Magno, hesita em desfazer os seus quadros da guerra, com a recordação dos horrores da invasão e aterrada pela despolação, que lhe estanca irremediavelmente a fonte insubstituível da vida. Ai dela! Repetir-se-hiam hoje os milagres do Marne e de Château-Thierry, e a união alarmada dos belgas, dos ingleses, dos italianos e dos americanos?

Da Rússia misteriosa chegaram gritos de milhões de famintos. Os socorros americanos, duma organização perfeita, atingiram rapidamente as terras flageladas. Telegramas contraditórios mantêm, no entanto, a habitual confusão sôbre os acontecimentos da Rússia. Uns afirmam que as solicitações de mantimentos, por Gorki, são instantes; outros, que o governo dos «soviets» só pede serviços sanitários. Apesar dos depoimentos de Sadoul, de Wells, Russell, e de socialistas franceses, italianos, ingleses e espanhóis, ainda estamos longe de conhecer imparcialmente a primeira República que realizou uma organização socialista, em meio das mais tremendas dificuldades, cercada de inimigos internos e externos, lutando contra as epidemias, a fome e o bloqueio da «Entente». Conseguiram, segundo parece, uma obra interessante, sobretudo na instrução e na assistência social, mas talvez muito inconsistente, pelas violências duma ditadura brutal, pela indisciplina e a falta de cultura de improvisados dirigentes, pelo desprezo só muito tarde evitado das realidades políticas, embora o novo poder conte um grupo de homens de primeira ordem, no dizer insuspeito de Cambó, a um redactor do «Excelsior», ao voltar da fronteira russa, que não lhe tinham permitido atravessar, e quando regressava a Espanha para aceitar, de Maura, a pasta das finanças.

O princípio das nacionalidades por toda a parte se exacerba e triunfa. Os kemalistas acossam os gregos; a Índia revolta-se; a Irlanda fala à Inglaterra quasi como nação independente; os marroquinos levantam dezenas de milhares de homens contra a antipática colonização da Espanha. No viveiro das aspirações humanas esboçam-se formas mais belas de fraternidade. O Congresso Pan-Africano, em que o nosso eminente colaborador

Dr. José de Magalhães teve uma acção de destaque, marca o despertar, para a vida política e social, do Continente Negro.

A Inglaterra já abandonou ha muito a sua irritante filáucia para com as «nações moribundas». A' política de Salisbury e de Chamberlain succedeu o astucioso Grey e agora a política omnímota de Lloyd George. A Inglaterra parece ter chegado à hora em que os povos se renovam ou morrem. O separatismo da Irlanda e dos domínios, a crise social e económica, o poder crescente dos trabalhistas, estão pondo à prova essa poderosíssima nação, que, perante o mixto de idealismo e força «yankees», já vai dando a impressão dum real declínio.

¿Para onde se deslocará o poderio material e espiritual da Terra? ¿A Alemanha democrática realisarà o milagre de se reconstituír e oferecer ao mundo um modêlo de nova organização social? ¿A América do Norte e o império nipónico esfacelar-se hão em breve ou lançarão sôbre o Pacífico um arco de aliança, em que se substitua o principio da concorrência económica pelo da cooperação inteligente? ¿Que nos prepara a Ásia, imensamente povoada, templo da mais antiga e nobre sabedoria?

O Império Romano, moribundo, legou, aos povos civilizados, instituições jurídicas e militares que immortalizaram a sua acção no mundo antigo. Talvez que, destinado a morrer também, o Império Britânico, tão maleável no periodo de engrandecimento e de esplendor, consiga ser a primeira nação, depois do hesitante e imperfeito ensaio da Rússia, a criar um novo tipo de organização económica. A política dos trabalhistas permitir-lhes há amanhã, na desagregação provável do imenso e disperso império, apoderar-se do govêrno da Grã-Bretanha. As suas reivindicações económicas, por vezes violentas, a sua fôrça material e moral entre o proletariado, a defêsa eficaz que assumiram para com os ideais da revolução russa, e a intervenção a favor da Irlanda martirizada, que produziu a figura estupenda de Mac-Swiney, hoje quase esquecida no perpassar fulgurante dos acontecimentos — todas essas condições externas e internas, do grande partido operário, podem permitir-lhe, dum momento para o outro, transformar o império britânico numa esplêndida realização socialista, em que a cooperação das classes, a harmonia dos interesses opostos, a consulta livre da opinião pública e a organização dos trabalhadores, esboçassem finalmente na Terra, ainda que por uma maneira muito imperfeita, aquela sociedade sonhada há muito pelos utopistas e pelos profetas.